



HAL
open science

Diferentes Contextos de Institucionalização da Velhice: Perspectivas de Idosos Institucionalizados

Éven Paula Lima Da Silva, Renata Lira dos Santos Aléssio

► **To cite this version:**

Éven Paula Lima Da Silva, Renata Lira dos Santos Aléssio. Diferentes Contextos de Institucionalização da Velhice: Perspectivas de Idosos Institucionalizados. *Revista Subjetividades*, 2023, 23 (1), pp.1-16. 10.5020/23590777.rs.v23i1.e13444 . hal-04517465

HAL Id: hal-04517465

<https://hal.univ-brest.fr/hal-04517465v1>

Submitted on 17 Jul 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0 International License

DIFERENTES CONTEXTOS DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VELHICE: PERSPECTIVAS DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Different Contexts of Institutionalization of Old Age: Perspectives of Institutionalized Elderly People

Diferentes Contextos de Institucionalización de la Vejez: Perspectivas de Ancianos Institucionalizados

Différents Contextes D'institutionnalisation du Vieillissement : Perspectives des Personnes Âgées en Institution

 10.5020/23590777.rs.v23i1.e13444

Éven Paula Lima da Silva  

Psicóloga e Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Especialista em Neuropsicologia, Residente pela Residência Uniprofissional em Psicologia Clínica e Hospitalar do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira – IMIP/PE. Psicóloga do IMIP e Docente da Faculdade Pernambucana da Saúde (FPS).

Renata Lira dos Santos Aléssio  

Psicóloga pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutora e Mestra em Psicologia pela Aix-Marseille Université. Docente do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Resumo

Diante de mudanças na dinâmica da sociedade e de estrutura familiar, Instituições de Longa Permanência para idosos são cada vez mais alternativas de morada para essa população. A experiência da institucionalização ocorre de uma maneira particular e os idosos a vivenciam de diferentes formas. Este estudo objetivou compreender os processos de significações de pessoas idosas sobre viver em uma instituição. Participaram 15 idosos de instituições públicas, privadas ou filantrópicas. Foram utilizados questionários de identificação e entrevistas semiestruturadas, analisadas a partir de uma análise temática. Foram identificadas cinco categorias: avaliação do cotidiano; processo de institucionalização; relações sociais; perspectivas para o futuro; e viver. Diferentes significações sobre viver em instituição são construídas, articulando-se às trajetórias de vida de cada idoso. Três principais diferenças nessas significações se mostram de acordo com o contexto: no público, os idosos apresentam maior vulnerabilidade e associam a instituição à garantia de direitos como moradia e alimentação; no privado, os idosos são mais dependentes e apresentam menos expectativas de saída; no filantrópico, a entrada na instituição se deu por vontade própria, com saídas programadas e retornos. Apesar de queixas, as instituições foram avaliadas positivamente, podendo representar ambiente propício para repouso, oferecendo segurança, companhia e acesso a direitos básicos. Mas, também foram associadas ao abandono, ao depósito, à prisão, inclusive à morte. Diferenças relacionadas ao gênero e a idade são pistas a serem exploradas em futuros estudos.

Palavras-chave: idosos institucionalizados, instituições de longa permanência para idosos, velhice.

Abstract

Faced with changes in society and family structure dynamics, Long Stay Institutions for the Elderly are increasingly alternative housing for this population. The institutionalization experience occurs in a particular way, and the elderly experience it differently. This study aimed to understand the meaning processes of elderly living in an institution. 15 elderly from public, private, or philanthropic institutions participated. Identification questionnaires and semi-structured interviews were used and analyzed from a thematic analysis. Five categories were identified: assessment of everyday life, institutionalization process, social relationships, prospects for the future, and living. Different meanings about living in an institution are constructed, articulating with the life trajectories of each elderly. Three main differences in these meanings are shown according to the context. In the public sector, the elderly are more vulnerable and associate the institution with the guarantee of rights such as housing and food; in the private sector, the elderly are more dependent and have fewer expectations of leaving; in the philanthropic field, entry into the institution was voluntary, with scheduled departures and returns. Despite complaints, the institutions were evaluated positively and may represent an environment conducive to rest, offering security, companionship, and access to primary rights. But they were also associated with abandonment, deposit, imprisonment, and even death. Differences related to gender and age are clues to be explored in future studies.

Keywords: institutionalized elderly, long-stay institutions for elderly, old age.

Resumen

Ante los cambios en la dinámica de la sociedad y de la estructura familiar, Instituciones de Larga Permanencia para Ancianos son cada vez más opciones de hogar para esta población. La experiencia de la institucionalización ocurre de una manera particular y los ancianos la experimentan de distintas formas. Este estudio objetivó comprender procesos de significaciones de ancianos sobre vivir en una institución. Participaron 15 ancianos de instituciones pública, privada o filantrópica. Fueron utilizados cuestionarios de identificación y entrevistas semiestructuradas, analizadas a partir de un análisis temático. Fueron identificadas cinco categorías: evaluación del cotidiano; proceso de institucionalización; relaciones sociales; perspectivas para el futuro; y vivir. Diferentes significaciones sobre vivir en institución son construidas, articulándose a las trayectorias de vida de cada anciano. Tres principales diferencias en estas significaciones se muestran de acuerdo con el contexto: en el público, los ancianos presentaron mayor vulnerabilidad y asocian la institución a la garantía de derechos como hogar y alimentación; en la privada, los ancianos son más dependientes y presentan menos expectativas de salida; en la filantrópica, la entrada en la institución ocurrió de propia voluntad, con salidas programadas y regresos. A pesar de quejas, las instituciones fueron evaluadas positivamente, siendo posible representar ambiente propicio para reposo, ofreciendo seguridad, compañía y acceso a derechos básicos. Sin embargo, también fueron asociadas al abandono, al almacén, a la cárcel, incluso a la muerte. Diferencias relacionadas al género y a la edad son pistas que pueden ser exploradas en futuros estudios.

Palabras clave: ancianos institucionalizados, instituciones de larga permanencia para ancianos, vejez.

Résumé

Face aux changements dans la dynamique de la société et de la structure familiale, les établissements d'accueil pour personnes âgées sont de plus en plus envisagés comme des alternatives de logement pour cette population. L'expérience de l'institutionnalisation se déroule de manière particulière et les personnes âgées la vivent de différentes façons. Cette étude visait à comprendre les processus de signification des personnes âgées vivant dans une institution. Un total de 15 personnes âgées provenant d'institutions publiques, privées ou philanthropiques ont participé. Des questionnaires d'identification ont été utilisés et des entretiens semi-structurés ont été analysés à l'aide d'une analyse thématique. Cinq catégories ont été identifiées : évaluation du quotidien ; processus d'institutionnalisation ; relations sociales ; perspectives d'avenir ; et vie. Différentes significations de vivre en institution sont construites, en lien avec les parcours de vie de chaque personne âgée. Trois principales différences dans ces significations se manifestent en fonction du contexte : dans le public, les personnes âgées sont plus vulnérables et associent l'institution à la garantie de droits tels que le logement et l'alimentation ; dans le privé, les personnes âgées sont plus dépendantes et ont moins d'attentes de sortie ; dans le philanthropique, l'entrée dans l'institution s'est faite de leur propre volonté, avec des départs et retours programmés. Malgré les plaintes, les institutions ont été évaluées positivement, ce qui peut représenter un environnement propice au repos, offrant sécurité, compagnie et accès aux droits fondamentaux. Cependant, elles ont également été associées à l'abandon, au dépôt, à la prison, voire à la mort. Les différences liées au genre et à l'âge sont des indices à explorer dans les études futures.

Mots-clés : personnes âgées en institution , établissements d'accueil pour personnes âgées , vieillesse.

No Brasil, mudanças na pirâmide etária estão em curso e levam a pensar sobre a qualidade de vida e o processo de envelhecimento (Belasco & Okuno, 2019). Cada vez mais, a ideia de pessoas idosas independentes, ativas e autônomas (Santos et al., 2018) contrasta com mudanças na dinâmica da sociedade, em um contexto no qual formas de cuidado com a população idosa tornaram-se objeto de preocupação (Camarano & Kanso, 2010). Diante da ausência familiar ou dificuldade desta em assumir o papel de cuidadora, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), fundadas na filantropia e conhecidas historicamente como asilos, são os principais locais destinados ao atendimento dos idosos na modalidade de longa duração (Gonçalves, 2019).

No Brasil, as ILPI são reguladas pela Resolução nº 502 de 27, de maio de 2021, da Diretoria Colegiada da Vigilância Sanitária (RDC, 2021), que determina as diretrizes para construção, organização, questões de higiene e segurança dos espaços de acolhimento. Conforme salientam Cherix e Kovács (2012), essa resolução também estabelece exigências quanto ao conforto, necessidades psicológicas e sociais dos idosos acolhidos nas instituições (elementos de difícil fiscalização). As ILPI são definidas como “instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania” (RDC, 2021, parágrafo 6).

Na atualidade são três os tipos de ILPI no Brasil: as públicas, as privadas sem fins lucrativos (ou filantrópicas) e as privadas (Camarano & Kanso, 2010). Tem-se observado que nas últimas décadas o número de instituições que mais cresceu foi o das ILPI privadas com fins lucrativos (Camarano & Barbosa, 2016; Christophe & Camarano, 2010). Geralmente, nas ILPI privadas, encontram-se os idosos com maior grau de dependência, o que provavelmente seria uma das principais motivações para a ida deles para a instituição. Nas ILPI públicas e filantrópicas é mais comum que os residentes sejam independentes, de modo que os principais motivos para a institucionalização podem estar mais ligados à carência de renda e moradia por parte dessa população (Camarano & Barbosa, 2016).

As instituições públicas no Brasil ainda possuem uma atuação no sentido de reverter a institucionalização para que os idosos possam retornar ao convívio em sociedade, uma vez que estejam em condições necessárias para tal, possuam renda e moradia e sejam solucionadas as situações anteriores ao abrigo referentes à violência ou violação dos seus direitos (Berzins et al., 2016). Gonçalves (2019) ressalta, todavia, que apesar de nas instituições privadas não haver uma orientação das equipes para um atendimento temporário, é possível que haja a reversão do acolhimento, por vontade própria dos residentes ou de seus familiares, ou em casos de determinação por parte do Ministério Público ou medida judicial.

Em muitas ILPI, a preocupação com os cuidados biomédicos acaba ocultando a condição dos idosos enquanto sujeitos de direito e desejo (Cherix & Kovács, 2012), levando, muitas vezes, a uma associação fortemente compartilhada na sociedade entre ILPI e instituições totais (Camarano & Barbosa, 2016). Segundo Goffman (1974), as instituições totais possuem uma administração formal, uma rotina rígida com uma vida estruturada, recebendo pessoas com situação semelhante que ficam apartadas da sociedade por um grande período de tempo. Goffman ainda acrescenta que o ponto central dessas instituições é o rompimento das barreiras que diz separar as três esferas básicas da vida na sociedade moderna: o dormir, o brincar e o trabalhar. Isso ocorre, primeiramente, porque essas atividades e os demais aspectos da vida passam a ser realizados em um único lugar e sob uma mesma autoridade; cada fase das atividades diárias é desempenhada junto a um grupo de outras pessoas, as quais são tratadas igualmente e obrigadas a realizarem as mesmas atividades juntas umas das outras; todas essas atividades da vida diária são impostas por um grupo de funcionários e funcionam como regra explícita, possuindo horários pré-estabelecidos e ocorrem sequencialmente; e, por fim, Goffman ressalta que as atividades impostas, obrigatoriamente, servem para supostamente atender às necessidades da instituição, reunindo-se num “plano racional único”.

As instituições totais abrangem, entre outros, os manicômios, as prisões, os asilos, os colégios internos e as forças armadas, que compartilham, entre outros aspectos, a imposição de um isolamento dos sujeitos em relação ao ambiente externo à instituição (Christophe & Camarano, 2010). Apesar de muito se aproximar do que sabemos no senso comum sobre o cotidiano das ILPI, Camarano e Barbosa (2016) afirmam que, empiricamente, as evidências parecem não confirmar plenamente a associação entre as ILPI e as instituições totais, sendo o “grau de totalidade” das ILPI muito mais definido em função do grau de dependência dos idosos. Aqueles que são dependentes, de fato, necessitam ter suas vidas administradas totalmente pela instituição, mas compreendendo que esse aspecto provavelmente não seria diferente caso residissem com os familiares. Portanto, as autoras destacam que o que está em jogo, na verdade, é a falta de autonomia dos idosos dependentes e não o fato de residirem em uma instituição.

A experiência da institucionalização, portanto, ocorre de uma maneira particular e os idosos a vivenciam de diferentes formas. Ao passo que muitos consideram que são privados de sua liberdade com a institucionalização, vista como abandono e um processo que os aproximaria da morte (Alves-Silva et al., 2013; Daniel et al., 2019), há autores que apresentam outra perspectiva, referindo-se a relatos de idosos institucionalizados que expressam satisfação com a experiência nos locais em que passam a residir (Carli et al., 2012; Gonçalves, 2019).

Nesse sentido, recorreremos à lente da Rede de Significações (RedSig) – perspectiva teórica que enfatiza os processos

de significações da pessoa em desenvolvimento ao longo da sua vida (Rossetti-Ferreira et al., 2004) como lente analítica da vivência em ILPI. Essa perspectiva lança um novo olhar para o estudo do desenvolvimento ao transformar o foco de análise do indivíduo para suas interações, ao preferir estudar as pessoas em seus ambientes naturais de desenvolvimento, concebendo as relações entre pessoas e ambientes como interdependentes e co-construídas: o desenvolvimento se dá “nas e através das múltiplas interações estabelecidas pelas pessoas, em contextos social e culturalmente organizados” (Rossetti-Ferreira et al., 2004, p. 23).

Esses pilares aproximam a RedeSig do paradigma life span (Neri, 2006), compreendendo-o como um processo multidirecional e multifacetado que ocorre ao longo de toda vida. Essas duas perspectivas guardam convergências ao pensar o desenvolvimento humano como marcado por ganhos e perdas ao longo de toda a vida, ao explorar a vida adulta e a velhice como etapas de desenvolvimento humano e ao propor processos desenvolvimentais que não estão ligados a etapas da vida, mas, sobretudo, aos contextos de desenvolvimento de cada pessoa.

O desenvolvimento não se dá no vazio, mas em contextos específicos, assim, tais contextos, o meio social e os espaços onde as experiências pessoais ocorrem são concebidos também como um instrumento/recurso de desenvolvimento. Formam-se, pelos ambientes físico e social, a estrutura organizacional e econômica destes, e neles articulam-se a história geral e local, atreladas, aos objetivos atuais, os valores, concepções e crenças que neles sobressaem (Rossetti-Ferreira et al., 2004). Contextos abrangem muito mais do que um ambiente ou lugar, pois dizem respeito aos processos de significação, compreendem uma condição, um recurso de desenvolvimento, e sob essa ótica contexto e pessoa não se separam, ambos se constituem reciprocamente (Rossetti-Ferreira et al., 2004). Nesse sentido, o papel que o contexto desempenha é fundamental no desenvolvimento, pois determinados lugares e posições são ocupadas pelas pessoas quando inseridas neles, os quais passam também a contribuir com o aparecimento de certos aspectos pessoais e estabelecer as formas como as interações ocorrem naquele meio. Logo, não se pode pensar em pessoa e contexto separadamente, como também não se pode desconsiderar as interações que são estabelecidas nele.

Observando que a produção sobre as vivências de idosos institucionalizados ainda é incipiente (Brito & Moreira, 2018), faz-se necessário que as diferentes áreas do conhecimento possam incluir essa parcela da população nas discussões científicas, sobretudo levando em consideração a perspectiva dos idosos, de forma a melhor compreender os modos de vida construídos e compartilhados nesses espaços. A partir dessa ótica, este artigo tem o objetivo de compreender processos de significação sobre viver em ILPI para idosos residentes em três contextos distintos: público, privado e filantrópico.

Método

A presente pesquisa de abordagem qualitativa foi realizada durante o ano de 2019 em três ILPI localizadas na cidade do Recife, sendo uma pública, uma filantrópica e uma privada. Segundo informações da 30ª Promotoria de Justiça de Cidadania da Pessoa Idosa do Recife, na cidade do Recife existiam, em 2019, 24 ILPI em funcionamento, das quais 15 eram instituições privadas, 7 privadas filantrópicas e apenas 2 públicas. As instituições foram selecionadas por conveniência. Incluiu-se em cada grupo, a primeira instituição que aceitou participar após contato da pesquisadora principal.

As Participantes

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: (I) apresentar idade igual ou superior a 60 anos; e (II) residir em uma das ILPI selecionadas para o estudo. Os critérios de exclusão foram: (I) apresentar alterações auditivas graves, como afasias ou ausência de linguagem oral; e (II) quadros de demências ou qualquer patologia identificável que comprometesse o estado de lucidez. Participaram 15 voluntários(as) idosos(as), sendo 5 de cada uma das instituições selecionadas, com idades entre 63 e 95 anos e de ambos os sexos. Para participação, foi adotado o critério de conveniência e o número de participantes foi fixado procurando respeitar o mesmo número de pessoas idosas em cada tipo de ILPI. Foi adotado o número mínimo de cinco participantes em função do tempo para realização da pesquisa que foi parte de uma dissertação de mestrado (Silva, 2020).

Conforme Tabela 1, participaram 11 pessoas idosas do sexo feminino e apenas 4 do sexo masculino, pois além do número de residentes do sexo masculino ser significativamente menor, a maioria apresentava quadros demenciais e comprometimento do estado de lucidez. A maioria dos participantes declarou possuir uma religião (14), sendo o Catolicismo o mais mencionado (7), seguido do Protestantismo/Cristianismo Evangélico (4), Espiritismo (2) e Umbanda (1). Quanto ao estado civil, 8 participantes declararam-se solteiras(os), 5 viúvas(os) e 2 divorciadas(os). O número de filhos variou de 1 a 7, porém a maioria (8) declarou que não possui filhos. No que diz respeito ao nível de escolaridade, 2 idosos declararam não terem nenhum grau de escolarização formal, os demais variaram de ensino fundamental incompleto a ensino superior completo. O tempo de institucionalização variou de 2 meses a 16 anos.

Tabela 1*Perfil dos participantes da pesquisa***ILPI Pública**

Nome	Idade	Religião	Estado Civil	Filhos	Escolaridade	Tempo na ILPI
Benedito	65	Católico	Divorciado	7	EMC	1 ano e 6 meses
Bernadete	69	Espírita	Solteira	0	EFI	8 anos
Dionísio	81	Católico	Viúvo	2	EMC	2 anos
Marinete	64	Espírita	Solteira	2	ESC	1 ano
Luciano	67	Não tem	Solteiro	3	EFI	3 anos

ILPI Filantrópica

Nome	Idade	Religião	Estado Civil	Filhos	Escolaridade	Tempo na ILPI
Andréa	76	Evangélica	Viúva	1	EFI	9 anos
Josefa	94	Evangélica	Solteira	2	Não estudou	3 anos
Fernanda	71	Evangélica	Viúva	0	Não estudou	2 anos
Celina	81	Evangélica	Solteira	0	EFI	16 anos
Eliane	83	Católica	Divorciada	0	EMC	2 anos

ILPI Privada

Nome	Idade	Religião	Estado Civil	Filhos	Escolaridade	Tempo na ILPI
Cristina	66	Católica	Solteira	1	ESC	8 meses
Aurélia	95	Católica	Viúva	0	EFC	2 anos
Gardênia	89	Católica	Viúva	0	EMC	3 anos e 10 meses
Esmeralda	79	Católica	Solteira	0	EFI	6 meses
Roberto	63	Umbandista	Solteiro	0	ESC	2 meses

As siglas dos níveis de escolaridade referem-se a ensino fundamental incompleto (EFI); ensino fundamental completo (EFC); ensino médio completo (EMC); e ensino superior completo (ESC).

Instrumentos e Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

Para o recrutamento em cada instituição, foi solicitado ao responsável que apresentasse a pesquisadora principal a idosos que preenchiam os critérios de inclusão. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada e um questionário de identificação, contendo questões que buscaram delinear o perfil dos residentes em cada uma das instituições onde o estudo foi realizado, considerando religião, estado civil, número de filhos, escolaridade, tempo de institucionalização, entre outras informações. O roteiro de entrevista foi composto por questões relacionadas à vida da pessoa na ILPI – motivos para a institucionalização, rotinas, perspectivas de futuro. Foi utilizado um gravador de uso pessoal da pesquisadora principal para fazer o registro das entrevistas, que duraram em média 40 minutos. As entrevistas, após transcritas, foram submetidas à análise temática de conteúdo (Oliveira, 2008). Para identificação dos temas, foram separadas unidades de registro: conteúdos que indicavam produção de significados sobre a vida na ILPI. Essas unidades de registro foram classificadas em temas e organizadas em ordem de frequência, das mais às menos salientes nas entrevistas. O referencial teórico adotado para interpretação dos dados foi a perspectiva da RedeSig.

Procedimentos e Aspectos Éticos

A realização da presente pesquisa obedeceu aos princípios éticos para pesquisa com seres humanos estabelecidos nas

Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e ocorreu após aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco, sob o parecer CAAE 08712719.7.0000.5208. Para apresentação de trechos de fala dos participantes foi adotado nome fictício.

Resultados e Discussão

Os dados foram organizados em cinco categorias temáticas: (1) avaliação do cotidiano na ILPI; (2) processo de institucionalização; (3) relações sociais; (4) perspectivas para o futuro; e (5) viver. As categorias são apresentadas em ordem de saliência, estão presentes em todas as entrevistas, relacionando-se aos contextos de institucionalização da velhice e trazem processos de significação da vida em ILPI que emerge da interação contexto-pessoa.

Avaliação do cotidiano na ILPI

Os discursos que remetiam a avaliações das ILPI foram mais recorrentes nos três contextos, sendo, portanto, a categoria mais saliente, abrangendo o maior número de unidades de registro (200 UR): 109 registros da ILPI privada; 54 registros na ILPI filantrópica e 37 registros na ILPI pública. Essas avaliações referem-se ao cotidiano na instituição incluindo rotina, cuidados e queixas. No geral, apesar de queixas, os locais são bem avaliados pelos idosos participantes do estudo:

Aqui, aqui é bom, o ambiente é ótimo, a direção é boa. Tenho só elogios, agora não pode ser como se a gente tivesse na nossa casa, né? Mas, a rotina aqui é boa. É boa. No ponto geral, eu acho bom, sossegado, não tem problema, o ambiente é bom. (Dionísio, 81 anos, ILPI pública)

Nas três instituições foi mencionada a existência de uma rotina fixa, mas este fator aparentemente não causa incômodo nos residentes: “Então, é quase o mesmo regime de internato, hora para levantar, hora para dormir, hora para comer, hora para banho, né? É o mesmo regime, eu não estranhei” (Eliane, 83 anos, ILPI filantrópica); “Todos os dias de manhã, de tarde, todos os dias a mesma coisa. Eu não acho cansativo. Não. Porque foi o que eu escolhi, né?” (Gardênia, 89 anos, ILPI privada).

Na ILPI pública, os idosos parecem estar satisfeitos em certa medida, visto que a vida anterior à entrada na instituição era marcada por algum grau de vulnerabilidade socioeconômica e/ou abandono familiar e a ida para a ILPI possibilitou o acesso a direitos básicos, como moradia e alimentação, como pode ser visto abaixo no caso de Benedito (65 anos), que se encontrava numa situação muito vulnerável:

Olhe, aqui é bom. Sendo sincero, jogo dominó, meu dia a dia tem o café de manhã, tem o lanche, tem almoço, tudo, tem onde dormir, coisas que eu não tinha, está me entendendo, né? Tenho banho a hora que eu quiser, tenho sabonete, creme dental, escova de dente, tudo, tudo, tudo. (Benedito, 65 anos, ILPI pública)

Os participantes da pesquisa residentes da ILPI pública apresentam maior grau de independência, o que, inclusive, os possibilita ausentar-se da instituição durante o dia para desenvolver atividades laborais, como são os casos de Luciano (67 anos) e Dionísio (81 anos), que trabalham fora da instituição como comerciantes. Apesar disso, o ócio foi uma queixa presente nesse contexto, e é interessante notar que a ênfase está no trabalho e não no lazer:

Olhe, por eu não suporto mais estar aqui dentro de, normal sem fazer nada. (...) Quando eu não estou fazendo nada, eu saio, de dia. Eu vou tomar um café por ali, conversar, vou para faculdade vender as bolsas e pronto, saio. Não é ruim não. (Luciano, 67 anos, ILPI pública)

Meu dia a dia é assim mesmo, para lá, para cá. Não faço nada, que às vezes eu quero fazer alguma coisa e não posso (...). Porque eu não posso, eles não deixam, a gerente não deixa, as cuidadoras não deixam. (...) Queria arrumar uma cozinha, lavar umas panelas, né, que tem muitas, varrer um quintal, né, ajudar uma lavadeira, que eu não ajudo. Não faço nada. Passo toda a vida assim, parada. É triste, é horrível. (Bernadete, 69 anos, ILPI pública)

Doll (2007) aponta que o trabalho na velhice proporciona aos idosos a sensação de integração social. Assim, as pessoas idosas que residem em seu domicílio geralmente desempenham práticas de cuidados domésticos como forma de ocupar o tempo, e nas ILPI – quando se deparam com a proibição de trabalho, não podendo desenvolver tarefas domésticas no local – sentem-se inúteis, pois perdem certo controle sobre seu cotidiano, conformando-se às normas institucionais (Herédia et al., 2004).

Ao passo que na ILPI pública, “não fazer nada” é uma queixa, observa-se que para as idosas Andréa (76 anos), Josefa (94 anos) e Celina (81 anos), residentes da instituição filantrópica esta é uma condição avaliada de forma positiva. Aliás, o

principal fator que destacam ao avaliarem a instituição é justamente o fato de não necessitarem desenvolver tarefas domésticas. O tempo livre é ocupado com atividades do cotidiano, como ver TV, costurar e assistir ao culto, que ocorre todos os dias na instituição. A ILPI é, portanto, propícia para o repouso e em seus depoimentos, as idosas expressam muita satisfação com o local:

Aqui eu vivo como uma princesa. Espera aí. Aqui eu não faço nada, só faço, tem quem faça os meus, as comidas, tem quem faça tudo. Eu não sou mais dona de casa, que quando eu era dona de casa, eu tinha que fazer tudo. E agora não estou fazendo mais. Eu estou na vida que pedi a Deus (...). (Andréa, 76 anos, ILPI filantrópica)

Eu acho ótimo pelo seguinte, porque eu não lavo prato, eu não faço comida, eu não lavo panela, eu não carrego nada, entendeu? Chega na hora do almoço, titititititi, a companhia. Eu desço, almoço, e deixo lá os pratos. Café também. Aí, olha, para mim é uma delícia. Enquanto vocês ainda estão batalhando, eu já batalhei e agora estou vivenciando aquilo que eu fiz. Estou felicíssima. (Celina, 81 anos, ILPI filantrópica)

Conforme Bessa e Silva (2008), retirar do idoso as atividades que executava rotineiramente envolve um processo adaptativo, não significa que ele é incapaz de se cuidar e não tem autonomia para as atividades de vida diária, mas pode significar que ele terá um ganho de tempo para si e que está preservando o corpo do desgaste excessivo. Há, porém, as idosas Fernanda e Eliane, que apesar de também considerarem a instituição um bom local para morar, não parecem estar satisfeitas com o fato de ter que residirem em uma ILPI: “Eu gosto, mas só que eu não queria vir agora, entendeu? Como acabei de dizer, gosto, mas eu não queria vir agora. Mas, está tudo bem. Tá tudo bem” (Eliane, 83 anos, ILPI filantrópica). As participantes expressam um sentimento de conformismo pela situação, visto ser esta a melhor opção que se apresenta:

Para quem não tem ninguém, é a melhor opção. Porque a gente morar só, você viu que o homem entrou na casa das duas velhinhas e matou todas duas? Passou ontem na televisão. A gente não tem mais segurança para morar só. E se adoecer não tem ninguém, né? Trancada ali dentro, quando os vizinhos vierem sentir, já é o fedor. Aí a opção é essa mesmo. Um salário eu recebo, dá para quê? Não dá. Tem que ser aqui mesmo. E eu gosto daqui porque todo dia tem culto, né? (Fernanda, 71 anos, ILPI filantrópica)

A ILPI pode representar um local seguro para as pessoas idosas, quando acreditam que é possível encontrar no ambiente institucional amparo diante do adoecimento e proteção contra a violência urbana, como é expresso no depoimento de Fernanda. Bessa e Silva (2008) pontuam que a segurança institucional pode ser um aspecto que torna uma ILPI um espaço eleito para morar. No estudo de Michel et al. (2012), os idosos consideraram que a ILPI poderia proporcionar proteção, amparo, segurança e convivência social, através do relato de que temiam ficar sozinhos em casa por causa de assaltos, e ausência de companhia, que não poderia prestar socorros em caso de necessidade, além do fato de que se sentem inseguros quanto aos problemas de saúde nessas condições.

Apesar da avaliação positiva que fazem do espaço da ILPI privada, o contexto institucional, no sentindo amplo da expressão, é visto também como um lugar de opressão, sendo significado como depósito. Para Roberto: “Os asilos, as pousadas, são depósitos que os filhos criaram. Isso é minha concepção” (Roberto, 63 anos, ILPI privada). A ideia de conformismo foi destacada nessa instituição, onde o processo de institucionalização ocorre geralmente por falta de opção ou por mostrar-se a possibilidade mais viável para que os idosos possam dispor de cuidados e segurança, sendo comparado a uma prisão, na perspectiva da idosa Cristina:

O que eu acho de morar aqui é assim, é o... é o... eu acho assim muito. Eu acho bom, certo?! Tem tudo que eu penso; tudo que eu quero, eu faço aqui, certo? Aí, assim, eu acho bom, mas você sabe ficar num canto assim, oprimida, porque é como se fosse uma prisão. (...) É, aí pronto, fiquei muito tempo pensando, aí pronto fiquei, é... deprimida, fiquei deprimida mesmo, mas depois eu fui até melhorando e agora estou acostumada... É, estou acostumada (risos). (Cristina, 66 anos, ILPI privada)

A comparação de Cristina entre ILPI e prisão remete-nos à associação entre as ILPI e as instituições totais descritas por Goffman (1974). Essas últimas incluem os manicômios, prisões, colégios internos e outras instituições que compartilham a característica de isolamento do sujeito do ambiente externo (Christophe & Camarano, 2010). Goffman (1974) destaca, ainda, que nas instituições totais, os sujeitos levariam uma vida fechada e administrada formalmente e que isto ocorreria com muitas pessoas, tratadas igualmente, como uma massa homogênea.

O participante Roberto (63 anos) também levanta outra questão importante ao afirmar que as ILPI seriam consideradas depósitos que os filhos criaram, demonstrando compartilhar de uma ideia já presente no meio social, onde as ILPI são geralmente vistas como locais de abandono de idosos e que promove exclusão social, como se fossem de fato colocados em depósitos. A vida na ILPI, portanto, envolve processos adaptativos para quem vai passar a residir em um ambiente fechado: significações são construídas a partir das vivências anteriores de cada pessoa (motivos da institucionalização, grau de dependência) em constante negociação com as significações socialmente elaboradas sobre as ILPI. Nesta pesquisa, esse processo para idosos

das instituições privada parece marcado por certa resistência e tristeza. Ressalta-se que idosos entrevistados nessa instituição tinham um maior grau de dependência e, como uma espécie de aceitação pelo que não tem possibilidade de ser diferente, eles acabam conformando-se com a situação, assim como foi identificado por Bessa e Silva (2008) no estudo que desenvolveram.

Processos de institucionalização

Esta foi a segunda maior categoria, com um total de 150 unidades de registro, presentes nas 15 entrevistas. Observamos diferenças nas motivações envolvidas no processo de institucionalização das(os) idosas(os) em função do tipo de ILPI. Na ILPI pública, observamos que além das vulnerabilidades socioeconômicas acumuladas, as pessoas idosas geralmente possuem vínculos familiares rompidos ou fragilizados, o que resultou na diminuição das suas redes de apoio. Diante da dificuldade de suprirem suas próprias subsistências, a institucionalização mostrou-se como uma alternativa possível, como no exemplo abaixo, de Benedito:

Ah, estava no barraco. Eu não tinha o que comer, vendi celular, vendi relógio, tudo, tudo, vendi tudo para eu comer. Portanto, a moça chegou para mim, ela se diz, é, funcionária do governo. (...) De automóvel, foi lá no barraco, "Seu Benedito, toda vez que te procuro, não acho". Eu digo "seu automóvel anda sem combustível?", ela disse "não", "sou eu, vou à procura do que comer". Positivo. Então está certo. "Tu queres o que, Benedito?", "eu não quero nada demais, onde ir para eu ficar, ter onde comer, onde dormir, é só isso que eu quero". (Benedito, 65 anos, ILPI pública)

Segundo Camarano e Kanso (2010), é comum que residentes das ILPI públicas sejam independentes, de modo que os principais motivos para a institucionalização podem estar mais ligados à carência de renda e moradia por parte dessa população. Na ILPI pública do presente estudo, os processos de institucionalização envolveram alguma situação de vulnerabilidade socioeconômica. Além da diminuição do apoio ou ausência familiar, os idosos apresentavam necessidades ligadas à carência de renda e moradia.

Na ILPI filantrópica, destacaram-se os discursos de que a ida para a instituição ocorreu por opção das próprias idosas e/ou em conjunto com familiares. Entre os motivos também consta viver sozinha e a falta de alguém para cuidar, aspectos já apontados na literatura como motivos para a institucionalização, visto que, em muitos casos, impossibilitaria a permanência do idoso no lar (Araújo et al., 2016; Lini et al., 2016):

Justamente, meu amor, pelo seguinte, eu vim para cá porque a gente quando chega uma certa idade, você vai dormir boa e acorda "destronçada", seu cérebro vira. Então, eu pensando nisso, acolheu para que eu viesse morar aqui porque aqui tem quem me dê um banho, quem troca minha roupa, quem me dê uma comida, se eu estiver desgastada, né? Desgastada quer dizer assim sem força, debilitada, né? Então, por isso, que eu vim morar. Eu mesmo decidi vir porque eu disse que eu não tenho família de sangue, meus familiares de sangue mesmo não estão mais comigo, viajaram, então optei para vir porque aqui que é o meu lugar (...). (Celina, 81 anos, ILPI filantrópica)

Porque eu estava doente, sozinha, não quis dar trabalho a minha nora, porque a minha nora só tem esses filhos, dois filhos (...). Foi, foi, foi, foi, não foi ninguém que me mandou. E não é a primeira vez não, essa é a quinta vez. (...) Vivía sozinha desse jeito, eu vivo muito doente, tinha dias que não levantava nem da cama, doente. Aí eu disse "eu vou para lá, é muito melhor!". Já tem o meu nome aí, aí vim. "Meu filho, eu quero ir para lá!", aí ele veio me trazer. (Josefa, 94 anos, ILPI filantrópica)

As idosas dessa instituição são mais independentes para as atividades da vida diária quando comparadas aos idosos da ILPI privada, porém os motivos para a institucionalização também são associados ao aparecimento de doenças e, na ausência de familiares para darem suporte nos cuidados ou por querer poupá-los de trabalhos, as idosas optaram pela ida para a ILPI. Contudo, apesar de afirmarem ter sido uma escolha própria a mudança para a ILPI, fica evidente que a escolha é motivada por inúmeros aspectos, como os relacionados à condição socioeconômica e de saúde em que se encontram.

Geralmente, nas ILPI privadas encontram-se idosos com maior grau de dependência, o que provavelmente seria uma das principais motivações da ida para a instituição (Camarano & Kanso, 2010). Esse é também o perfil dos idosos residentes na ILPI privada participante desse estudo – idosos com idades mais avançadas e que possuem algum comprometimento de saúde. Cristina e Roberto não possuem idades tão avançadas em relação aos demais participantes dessa ILPI, com 66 e 63 anos, respectivamente, porém possuem limitações de locomoção. Roberto, por exemplo, teve um dos membros inferiores amputados em decorrência de um aneurisma e Cristina tem um inchaço no pé, cujo diagnóstico ainda estava em aberto no momento da entrevista.

Notamos que os discursos quanto ao que teria motivado a institucionalização assemelham-se aos da ILPI filantrópica, porém os idosos da ILPI privada possuem maior grau de dependência, demandando maiores cuidados, sem, no entanto, dispor

de alguém que possa atender a tal necessidade, diante do ritmo e estilo de vida das famílias modernas:

Aí o marido morreu, depois de uns anos foi que eu vim para aqui. Porque ele morreu, eu puxei muito na doença dele, sabe? Aí terminei mole, o resultado, aí eu fiquei só com uma empregada. Botei duas empregadas para... Para cuidar de mim e aí, eu vi que não podia mais. As irmãs, cada uma casada com seus compromissos, né? E eu resolvi vir para cá. Botar as empregadas, pagar e ir embora e vim para aqui (...). Eu tinha pena, eu vim a pulso, né? Eu vim porque não queria incomodar as minhas sobrinhas que já tomavam conta de minha irmã. (Aurélia, 95 anos, ILPI privada)

No contexto da ILPI privada, observamos que o maior grau de dependência associado à falta de pessoas para o cuidado dos idosos foi apontada como principal causa do processo de institucionalização. Assim como na instituição filantrópica, nota-se o receio de representar um peso para os familiares, como expressam a idosa Gardênia (89 anos) “Eu vou ser uma intrusa” e a idosa Aurélia (95 anos) “Eu vim porque não queria incomodar as minhas sobrinhas que já tomavam conta de minha irmã”.

Desse modo, o que os idosos das ILPI filantrópica e privada referem como opção pela ida para a ILPI pode não representar um desejo de fato mas, diante da necessidade, acaba mostrando-se uma alternativa viável. Há uma preocupação frequente em não se tornar um “estorvo” para a família, sobrecarregando-a com as suas demandas de cuidados, assim como encontrado em outras pesquisas (Araújo et al., 2016; Rodrigues, 2011).

Relações sociais

Esta categoria foi composta por 149 unidades de registro, das quais 36 correspondem à ILPI pública, 42 à filantrópica e 71 à privada e os conteúdos são referentes às relações sociais dos idosos no presente. Nas três ILPI, observou-se que as relações familiares ocupam um espaço importante nas falas dos idosos, estando muitas vezes presentes também nos processos que os levaram à institucionalização, como visto anteriormente. As relações sociais são fundantes e mantêm-se de forma contínua como “arena” e “motor” do processo de desenvolvimento ao longo de todo o curso da vida (Rossetti-Ferreira et al., 2004).

Assim, na velhice, que não poderia ser diferente, esta categoria foi uma das mais salientes e revela a relevância das relações sociais para os idosos que vivem nos contextos de institucionalização. Nos três contextos existem relatos de vínculos familiares fragilizados e/ou rompidos, porém na ILPI pública estes são mais enfatizados. As relações familiares são marcadas pelo rompimento ou fragilidade de vínculos afetivos, envolvendo conflitos, abandono e perdas por morte:

Fui de encontro ao meu irmão. Hoje, meu irmão tem dois barracos alugados, dois. Cai na conta bancária dele, os números, primeiro e segundo. Eu fui morar no terceiro, resto de, final de feira, eu. Deu para entender, né? Meu irmão vinha me ver de dois em dois meses, três em três meses, quando ele achava que devia. Eu falei “ah, é assim que funciona o sistema?”. Quer dizer, hoje meu irmão é novo, é motoqueiro, blusão de couro, mora em Olinda, de frente para o mar, Pau amarelo, Pau amarelo, tem uma vida razoável. Eu, como cidadão já velho, sem dinheiro (bate nas mãos no sentindo de tanto faz...). Deu para entender, né? (Benedito, 65 anos, ILPI pública)

O idoso Benedito, que veio de outro estado, já teve uma vida estável, família e um bom emprego, relatou com muita tristeza sobre suas perdas, especialmente de seus familiares, muitos dos quais por morte. Nota-se que o idoso expressa em seu depoimento certa mágoa pelo irmão, por quem se sente desvalorizado e esquecido. Rissardo et al. (2011), estudando a concepção e sentimentos de idosos institucionalizados sobre família, identificaram que estiveram presentes os sentimentos de mágoa e revolta pelo distanciamento da família, acompanhado pelo sentimento de ter sido esquecido por causa de ganância e status financeiro.

A ausência de suporte familiar também foi relatada na ILPI filantrópica, nos casos das idosas Celina e Fernanda. A primeira apenas referiu que havia perdido seus familiares e mencionou uma única vez a existência de uma irmã, com quem aparentemente não possui um forte vínculo. A idosa Fernanda (71 anos), que é viúva, afirmou possuir sobrinhos em outro estado, mas que perdeu o contato com todos eles, os quais sequer sabem da sua institucionalização, de forma que ela expressa solidão:

Tenho sobrinho, mas é tudo em Natal. Mas eu perdi os telefones deles, os endereços, nesse vai e vem. Também não. Ninguém sabe notícia de mim, da minha pessoa. Tem hora que eu fico pensando assim "Jesus, é muito ruim a pessoa viver só no mundo, sem parente nem aderente". (Fernanda, 71 anos, ILPI filantrópica).

As demais idosas da ILPI filantrópica possuem apoio de membros da família, dentre os quais os filhos, irmãos e noras, que além de suporte financeiro, participam de algumas outras tarefas, como o acompanhamento em consultas médicas. Embora vivam na instituição, essas idosas mantêm vínculos com parentes e participam também de algumas dinâmicas familiares:

Porque o pessoal às vezes diz assim "ah, não sei o quê", bota a culpa em nora. Não, a minha nora, eu não tenho nora, tenho

uma filha boa. Ontem mesmo ela me levou, quem me leva para médico, é uma filha boa e tenho três netinhas, o que é uma benção de vovó. (Andréa, 76 anos, ILPI filantrópica)

Alves-Silva et al. (2013) apontam que a família possui um papel fundamental na vida do idoso, sendo muito importante para a manutenção do seu bem-estar. Os familiares podem representar um suporte no atendimento às necessidades da pessoa idosa. Na ILPI privada, observamos que todos possuem apoio de membros da família, porém estiveram presentes queixas em torno da ausência destes, o suporte recebido não parece estar sendo considerado suficiente:

Na vida, as sobrinhas, eu não tinha, achava que elas fossem melhor para mim, viessem aqui, acho que faz bem uns 15 dias, sabe? Pela idade minha devia ter mais. E eu que ajudava lá muito, presentes e tudo. Tinha mesmo como a família, né? Mas, vou levando. (Aurélia, 95 anos, ILPI privada)

No processo de institucionalização a convivência familiar passa a restringir-se a alguns dias da semana, do mês ou até por um período mais longo, o que gera uma carência afetiva nos idosos, manifestando-se de forma significativa em sua vida diária. O suporte da família é fundamental nesse processo. A diminuição do vínculo familiar, na maioria das vezes, pode fazer com que os idosos se sintam esquecidos, passando a nutrir sentimentos negativos em relação à família (Santos et al., 2021).

Por fim, vale ressaltar que as relações entre os moradores nas ILPI foram menos enfatizadas, e entre os idosos e funcionários tiveram ainda menos destaque, nos três contextos. Assim, embora se acredite que a condição de institucionalização possa tornar propícia a formação de laços afetivos entre os idosos, por apresentarem alguns aspectos em comum (Silva et al., 2007), observamos que as interações sociais nesses espaços são mais restritas, sobretudo na ILPI pública. A idosa Marinete (64 anos) expressa solidão, o idoso Luciano (67 anos) afirma que apenas se relaciona bem com os “doidos” e a idosa Bernadete (69 anos) refere que fez amizades apenas com as cuidadoras e que sua relação com os demais idosos se resume a “briga e confusão”.

Apesar de não ter ficado explícita entre os demais idosos da pesquisa a existência de vínculos afetivos profundos nas instituições, de acordo com os relatos dos idosos as relações sociais estabelecidas parecem ser cordiais e harmônicas. Rodrigues (2010) chama atenção para o fato de que, na velhice, a rede social do idoso vai diminuindo com o passar do tempo, não só em função da perda de familiares e amigos, como também pelo fato de que o idoso se torna mais seletivo quanto às pessoas com quem estabelece relações de maior proximidade e intimidade. Além desse aspecto, Bahury (1996) aponta que apesar da instituição ser um ambiente propício para o contato entre as pessoas, há uma superficialidade das relações, não ocorrendo o estabelecimento de relações mais profundas.

Perspectivas para o futuro

Esta categoria possui 72 unidades de registro, presente nas ILPI, pública (20 UR), filantrópica (18 UR) e privada (34 UR). Os conteúdos aqui organizados apresentam as perspectivas que os idosos possuem em relação ao futuro, incluindo os seus próprios planos e objetivos. Nos três contextos, as perspectivas envolveram normalmente planos de saída da instituição ou a “ausência de planos para o futuro”, consistindo, segundo os idosos, na espera da morte. Conforme Camarano e Barbosa (2016), estudos mostram que a entrada na instituição de longa permanência geralmente não é acompanhada de uma perspectiva de retorno dos idosos para a comunidade e para os seus familiares, o que é reforçado pelos dados empíricos que mostram muitos anos de institucionalização. Esses dados, contudo, diferem dos apresentados por idosos da nossa pesquisa, que apontam para o desejo e até o planejamento de saída da ILPI, inclusive por idosos com longos períodos de institucionalização.

Nas três instituições, encontramos idosos com expectativas de sair da ILPI, no entanto destacamos que na instituição pública foi dada maior ênfase a este aspecto, incluindo planos de trabalhar. O fator econômico foi apontado pelos participantes como uma das principais causas para a permanência na instituição e que solucionadas questões de aposentadoria e benefícios sociais, eles pretendem retornar à comunidade:

Sim, é, completar, receber meus trocados do INSS, aí lá fora alugar até o barraco se possível. Porque eu poderia até morar lá no Vasco da Gama, Casa Amarela, mas se eu tiver de morar fora, também moro, tem problema nenhum. Estou legal! Aí a vida continua. (Benedito, 65 anos, ILPI pública)

Querida, meus planos para o futuro, eu estou agora, tem um projeto lá na coisa, que fui eu que dei o nome, Lobo-Guará, onde eu vou ensinar o povo vai fazer arte, artesanato, bolsa, cinto, brinco, essas coisas. Eu estou bem encaminhado nisso aí. Estou esperando sair, chegar a carta (do INSS) aí já para sair da casa. (Luciano, 67 anos, ILPI pública)

Nota-se que esta categoria é atravessada pelas representações sociais que os idosos possuem sobre a velhice. Apesar de social e culturalmente ser feita uma associação entre velhice e morte (Cocentino & Viana, 2011), no contexto da ILPI pública sobressai uma noção de velhice como fase do desenvolvimento ativa e produtiva, contrariando a visão predominante na nossa

sociedade de velhice como declínio. É característica das instituições públicas no Brasil uma atuação no sentido de reversão da institucionalização de modo a viabilizar o retorno dos idosos ao convívio em sociedade, uma vez que estejam em condições necessárias para tal, dispondo de renda e moradia e com acesso aos demais direitos (Berzins et al., 2016).

Apesar da ênfase na expectativa de saída da ILPI pelos idosos da instituição pública, o idoso Dionísio foi uma exceção, pois, a sua perspectiva é esperar e preparar-se para a morte, referindo encontrar-se já no fim da vida:

Ao futuro? Eu não tenho mais planos para o futuro, eu vou lhe explicar o porquê. Porque eu estou no fim da vida, estou com 81 anos, a realidade é essa. Meu prazo de validade já venceu-se há muito tempo. Então, não tenho planos para o futuro. Meu plano para o futuro é me preparar para em minhas orações com Jesus pedir a ele amparo e uma vaguinha no abrigo lá no céu, uma vaguinha para mim lá. (Dionísio, 81 anos, ILPI pública)

Esse aspecto também esteve presente nos contextos das ILPI filantrópica e privada, onde, inclusive, foi mais evidenciado. Nesses contextos, notamos que as representações sociais de velhice guardam uma relação com a morte, implicando na “ausência de planos para o futuro” nessa fase do ciclo da vida, ou a perspectiva é de espera da hora da morte:

A morte é uma coisa de certeza. Eu vim para aqui esperar o quê? Ela. Vou esperar o quê? Sair daqui e ir para uma casa, ter marido, ter filho, ter um lazer? Não, minha filha. Esperar minha morte, vim para aqui para esperar ela. Se ela chegar agora, está bom, se chegar amanhã, está bom. Não tem opção não. Opção de quê? Já com 71 anos. (Fernanda, 71 anos, ILPI filantrópica)
Honestamente, não tem planos. Qual é o plano que eu vou ter com essa idade? Eu peço, o que eu tenho, o que eu penso, o que eu tenho é pedir a Deus que me dê boa hora, é o que a gente espera, boa hora e que proteja a minha sobrinha (...). (Gardênia, 89 anos, ILPI privada)

Os idosos acreditam que devido à velhice não possuem tempo de vida suficiente para planejar um futuro. É, portanto, uma visão carregada de conotações negativas sobre a velhice, encarada como declínio e morte. Sobre isto, Correa e Hashimoto (2012) destacam que ainda que se tenha consciência de que a morte pode chegar em qualquer fase do ciclo da vida, a velhice é concebida como detentora da proximidade da morte. Essa visão pode ser reforçada pela redução do valor do idoso na nossa sociedade. Potencializa-se a longevidade, ao passo em que a importância social dos idosos é negada, as pessoas querem viver muito, mas não envelhecer ou parecerem-se com velhos (Schneider & Irigaray, 2008). O idoso que antes era detentor da sabedoria passa a ser um excluído e estereótipos negativos atrelados à velhice são muitas vezes assimilados por ele, levando-o a acreditar que mesmo sem ter morrido, sua existência findou (Munhoz et al., 2015). Além disso, vemos a perspectiva compartilhada por esses idosos, explícita principalmente no trecho da fala da idosa Fernanda (71 anos):

A morte é uma coisa de certeza. Eu vim para aqui esperar o quê? Ela. Vou esperar o quê? Sair daqui e ir para uma casa, ter marido, ter filho, ter um lazer? Não, minha filha. Esperar minha morte, vim para aqui para esperar ela (...).

Os dados dessa pesquisa corroboram o que a literatura mostra sobre as instituições de longa permanência serem lembradas como um lugar onde se vai esperar pela morte (Born, 2001; Christophe & Camarano, 2010; Davim et al., 2004; Novaes, 2003).

Viver

Esta categoria reuniu 38 unidades de registro presentes nas 15 entrevistas, 10 UR da ILPI pública, 7 UR da ILPI filantrópica e 15 UR da ILPI privada. Os discursos aqui organizados referem-se ao que é viver na perspectiva dos idosos entrevistados nos três contextos de institucionalização. Notamos que na ILPI pública viver possui uma conotação positiva, além de envolver uma dimensão moral, como “praticar atos dignos”:

Viver em alegria é aprendizado, é servir ao próximo, viver (...). Viver não é só respirar e se alimentar não, é praticar atos dignos, servir ao próximo, enfim, ter alegrias. Alegria é uma coisa normal, natural, que a gente deve ter. Então, eu acho que nunca ninguém me perguntou sobre minha vida e eu não sei nem responder a você. Viver não é só respirar não, viver é agilidade, é ir e vir, eu não sei mais. (Dionísio, 81 anos, ILPI pública)

Embora fosse de se esperar que o histórico de perdas e vulnerabilidades desses idosos pudesse tornar a ideia da vida menos positiva, não foi o que ocorreu. Barreto (2005) pontua que uma pessoa idosa pode encarar a vida com certo grau de satisfação não só pela representação que ela faz de sua vida passada, mas também da condição presente em que se encontra e sua perspectiva para o futuro, resultando, pois, de inúmeros fatores externos e internos.

Viver para as idosas da ILPI filantrópica possui também uma conotação positiva e é fortemente permeada por questões religiosas. As crenças religiosas integram a visão de mundo dessas idosas e refletem no sentido do que é viver ou de como se deve viver, levando-as a adotar também no seu cotidiano práticas e comportamentos que sejam coerentes com os princípios

da religião da qual são adeptas:

Viver é maravilhoso, como lhe disse. Você tem que viver o dia de hoje como se fosse o último dia, o dia de hoje você vai viver ele como se fosse o último. Faça coisas boas, tenha bons pensamentos, quem chegar junto de você, tenha uma palavra de ânimo, uma palavra de conforto. É isso que é viver, viver com qualidade, viver com amor, viver na dependência de Deus porque Deus é quem dá tudo (...). (Celina, 81 anos, ILPI filantrópica)

Na ILPI privada, observamos nas falas dos participantes que viver engloba uma visão da vida sem muita perspectiva futura. Viver é incerto, é imprevisível, portanto, deve-se aproveitar cada dia como se fosse o último. Nota-se também certa indiferença quanto ao viver, como demonstram as idosas Aurélia (95 anos) e Esmeralda (69 anos), que parecem não ter muita satisfação com a vida. Assim, viver e morrer são faces de uma mesma moeda, a consciência da morte transita no meio da vida:

Eu não sou tão apegada à vida mais não agora, né? Não sou mais. Porque minha vida não está sendo como eu queria, né? Aí, tanto faz eu morrer, sabe? Eu acho assim. (...) É. Porque eu já vivi tudo, né? (Aurélia, 95 anos, ILPI privada)

Segundo Rodrigues (2006, p. 29) “a consciência da morte abre uma passagem pela qual vão transitar forças notáveis que transformarão à maneira humana de ver a vida, a morte, o mundo”, assim a vida, a ideia que se tem sobre o que é viver é também permeada pela certeza da morte. Rosenberg (1992) aponta que morte e vida não se separam, fazem parte de um mesmo processo, pois começamos a morrer desde o momento em que nascemos. Vida e morte estão, portanto, unidas e esta última assume um papel fundamental na vida, visto que, em certa medida, lhe daria também sentido (Borges, 2016). Por fim, o que se pode perceber é que a institucionalização não necessariamente pode conduzir a uma insatisfação com a vida, e que outros fatores necessitariam ser analisados. Como apontam Calixto e Martins (2010), a institucionalização pode coexistir com níveis positivos de satisfação com a vida, pois não é fonte irrevogável de insatisfação e/ou de isolamento social

Considerações Finais

Identificamos que na ILPI pública residem os idosos mais independentes, porém com maior grau de vulnerabilidade socioeconômica, com vínculos familiares rompidos ou fragilizados, o que também teria motivado a institucionalização. Nas ILPI filantrópica e privada os idosos são mais acometidos por doenças e há diminuição da rede de apoio. Idosas da ILPI filantrópica, sobretudo, destacam que a ida para a instituição teria partido de uma escolha própria, contudo, o que se observa é que, até nesses casos, essa escolha é motivada por inúmeros aspectos, dentre os quais a preocupação em não sobrecarregar os familiares.

As relações familiares ocupam um espaço importante nas falas dos idosos. Nem sempre é possível saber se é causa ou consequência do processo de institucionalização, mas nos contextos estudados, os vínculos familiares estão diminuídos em alguma medida. Desse modo é importante para a manutenção dos vínculos, quando ainda existem, que a instituição esteja atenta à frequência com que a família se faz presente na vida do idoso, visto que a função desta não é apenas dar suporte financeiro, mas também prestar apoio emocional e afetivo, fundamental para a saúde mental do idoso.

As perspectivas para o futuro, especialmente na ILPI pública, envolvem planos de saída da instituição, nas ILPI filantrópica e privada foi mais evidenciada a ausência de planos para o futuro, consistindo, segundo os idosos, na espera da morte. Os idosos acreditam que devido à velhice não possuem tempo de vida suficiente para planejar um futuro. Notamos uma ênfase na redução do status social do idoso e na aproximação entre as representações sociais de velhice e morte. De modo geral, apesar de queixas, as instituições são avaliadas de forma positiva pelos participantes do estudo, podendo representar um ambiente propício para o repouso, oferece segurança, companhia, além de possibilitar o acesso a direitos básicos, como moradia e alimentação. Mas, as ILPI também foram associadas ao abandono, a um depósito, à prisão, inclusive a um lugar onde se espera pela morte.

O papel que o contexto desempenha é fundamental no desenvolvimento, tendo determinados lugares e posições ocupadas pelas pessoas quando inseridas neles, os quais passam também a contribuir com o aparecimento de certos aspectos pessoais e estabelecer as formas como as interações ocorrem naquele meio. Logo, não se pode pensar em pessoa e contexto separadamente, como também não se pode desconsiderar as interações que são estabelecidas nele, pois não existem contexto sem pessoa e pessoa sem contexto, pois eles constituem-se de forma recíproca conforme nosso aporte teórico, a RedeSig. Por fim, afirmamos que não foi nossa pretensão analisar variáveis como idade e sexo, mas acreditamos que elas podem apontar discussões relevantes, servindo como pistas futuras a serem exploradas.

Referências

- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2013). Idosos em instituições de longa permanência: Desenvolvimento, condições de vida e saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 820–830. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400023>
- Araújo, A. M., Sousa Neto, T. B., & Bós, Â. J. G. (2016). Diferenças no perfil de pessoas idosas institucionalizadas, em lista de espera e que não desejam institucionalização. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(1), 105–118. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2016.14175>
- Bahury, A. M. N. (1996). O processo de transição da vida privada para a vida institucional [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, RJ.
- Barreto, J. (2005). Envelhecimento e qualidade de vida: O desafio actual. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15, 289–302. <http://aleph.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2393>
- Belasco, A. G. S., & Okuno, M. F. P. (2019). Realidade e desafios para o envelhecimento. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(suppl 2), 1–2. <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2019-72suppl201>
- Berzins, M. A. V. S., Giacomini, K. C., & Camarano, A. A. (2016). A assistência social na política nacional do idoso. In: A. O. Alcântara, A. A. Camarano, & K. C. Giacomini (Orgs.), *Política nacional do idoso: Velhas e novas questões* (pp. 107–133). IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9083>
- Bessa, M. E. P., & Silva, M. J. (2008). Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: Um estudo de caso. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(2), 258–265. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000200006>
- Borges Neto, R. S. (2016). O sentido espiritual do cuidado frente à morte: A transcendência do finito. *ATEo*, 19(51), 622–637. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATEo.25943>
- Born, T. (2001). Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha? Considerações sobre família, residência para idosos (im) previdência social e outras coisas mais. *Revista Kairós-Gerontologia*, 4(2), 135–148. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-469407>
- Brito, S., & Moreira, P. C. (2018). Revisão integrativa sobre o envelhecimento em instituições de longa permanência: Reflexões fenomenológico-existenciais. *IGT na Rede*, 15(28), 50–75. <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/557>
- Calixto, E., & Martins, H. (2010). Os factores bio-psico-sociais na satisfação com a vida de idosos institucionalizados. In: *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 510–522). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. https://www.researchgate.net/profile/Maria-Martins-30/publication/264883517_Os_Factores_Bio-Psico-Sociais_na_Satisfacao_com_a_Vida_de_Idosos_Institucionalizados/links/55158ba0c2d70ee2707a2c/Os-Factores-Bio-Psico-Sociais-na-Satisfacao-com-a-Vida-de-Idosos-Institucionalizados.pdf
- Camarano, A. A., & Barbosa, P. (2016). Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: Do que se está falando. In: A. de O. Alcântara, A. A. Camarano, & K. C. Giacomini (Orgs.), *Política Nacional do Idoso: Velhas e novas questões* (pp. 479–514). IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9146>
- Camarano, A. A., & Kanso, S. (2010). As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 27(1), 232–235. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000100014>
- Carli, L., Kolankiewicz, A. C. B., Loro, M. M., Rosanelli, C. de L. S. P., Sonogo, J. G., & Stumm, E. M. (2012). Sentimentos e percepções de idosos residentes em uma instituição asilar. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 4(2), 2868–2877. <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750893004.pdf>

- Cherix, K., & Kovács, M. J. (2012). A questão da morte nas instituições de longa permanência para idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(4), 175–184. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial12p175-184>
- Christophe, M., & Camarano, A. A. (2010). Dos asilos às instituições de longa permanência: Uma história de mitos e preconceitos. In: A. A. Camarano (Org.), *Cuidados de longa duração para a população idosa: Um novo risco social a ser assumido?* (pp. 145–162). IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3206>
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. de C. (2011). A velhice e a morte: Reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 591–599. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>
- Correa, M. R., & Hashimoto, F. (2012). Finitude, envelhecimento e subjetividade. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(4), 85–99. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial12p85-99>
- Daniel, F. C., Brites, A. P., Monteiro, R., & Vicente, H. T. (2019). De “lar” abominado a estimado (ou tolerado): Reconfiguração das representações sobre institucionalização. *Saúde e Sociedade*, 28(4), 214–228. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180699>
- Davim, R. M. B., Torres, G. V., Dantas, S. M. M., & Lima, V. M. (2004). Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: Características socioeconômicas e de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12(3), 518–524. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692004000300010>
- Doll, J. (2007). Educação, cultura e lazer: Perspectivas de velhice bem-sucedida. In: A. L. Neri (Org.), *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade* (pp. 109–123). Perseu Abramo, Edições SESC-SP.
- Goffman, E. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*. Editora Perspectiva.
- Gonçalves, M. E. A. (2019). *Processos de significação de idosos sobre sua transição do lar para instituições de longa permanência (ILPI)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório UFPE, PE. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34442>
- Herédia, V. B. M., Cortelletti, I. A., & Casara, M. B. (2004). Institucionalização do idoso: Identidade e realidade. In: I. A. Cortelletti, M. B. Casara, & V. B. M. Herédia (Orgs.), *Idoso asilado: Um estudo gerontológico* (pp. 13–60). Educus, Edipucrs.
- Lini, E. V., Portella, M. R., & Doring, M. (2016). Fatores associados à institucionalização de idosos: Estudo caso-controlado. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(6), 1004–1014. <https://doi.org/10.1590/1981-22562016019.160043>
- Michel, T., Lenardt, M. H., Betioli, S. E., & Neu, D. K. M. (2012). Significado atribuído pelos idosos à vivência em uma instituição de longa permanência: Contribuições para o cuidado de enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 21(3), 495–504. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000300002>
- Munhoz, A. B., Giacomini, A. M., & Carvalho, G. J. de. (2015). *A representação social da morte e do morrer de idosos linenses asilados: Um estudo exploratório* [Monografia não publicada]. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. UniSalesiano, SP.
- Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, 14(1), 17–34. <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751426004.pdf>
- Novaes, R. H. L. (2003). *Os asilos de idosos no estado do Rio de Janeiro – repercussões da (não) integralidade no cuidado e na atenção à saúde dos idosos* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. UERJ, RJ.
- Oliveira, D. C. de. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: Uma proposta de sistematização. *Revista Enfermagem UERJ*, 16(4), 569–576. <http://files.bvs.br/upload/S/0104-3552/2008/v16n4/a569-576.pdf>

- Resolução da Diretoria Colegiada [RDC] nº 502, de 27 de maio de 2021. (2021). Dispõe sobre o funcionamento de Instituição de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2020/rdc0502_27_05_2021.pdf
- Rissardo, L. K., Furlan, M. C. R., Grandizolli, G., Marcon, S. S., & Carreira, L. (2011). Concepção e sentimentos de idosos institucionalizados sobre família. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 10(4), 682–689. <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v10i4.18311>
- Rodrigues, A. G. (2010). Habilidades comunicativas e a rede social de apoio de idosos institucionalizados [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório USP. <https://doi.org/10.11606/T.47.2011.tde-02052011-141852>
- Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Editora FIOCRUZ.
- Rodrigues, S. I. (2011). A satisfação com a vida de idosos institucionalizados [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga]. Repositório ISMT. <https://repositorio.ismt.pt/items/17cce230-0247-4879-97e2-59cde2fc1834>
- Rosenberg, R. L. (1992). Envelhecimento e morte. In: M. J. Kovacs (Org.), *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 69–89). Casa do Psicólogo.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Silva, A. P. S. (2004). Rede de significações: Alguns conceitos básicos. In: M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho (Orgs.), *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano* (pp. 23–33). Artmed.
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., Silva, A. P. S., & Carvalho, A. M. A. (Orgs.), (2004). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Bookman Editora.
- Santos, L. A. C., Faria, L., & Patiño, R. A. (2018). O envelhecer e a morte: Leituras contemporâneas de psicologia social. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 35(2), e0040. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0040>
- Santos, T. C. V., Ary, M. L. M. R. B., & Calheiros, D. S. (2021). Vínculos familiares dos idosos institucionalizados. *Research, Society and Development*, 10(12), e194101220246–e194101220246. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i12.20246>
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: Aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(4), 585–593. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>
- Silva, C. A., Carvalho, L. S., Santos, A. C. P. O., & Menezes, M. R. (2007). Vivendo após a morte de amigos: História oral de idosos. *Texto & Contexto Enfermagem*, 16(1), 97–104. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072007000100012>
- Silva, É. P. L. (2020). Contextos de institucionalização da velhice e representações sociais da morte: A perspectiva de idosos institucionalizados [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/38194/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20%c3%89ven%20Paula%20Lima%20da%20Silva.pdf>

Como Citar:

Silva, É. P. L. da, & Aléssio, R. L. dos S. (2023). Diferentes contextos de institucionalização da velhice: Perspectivas de idosos institucionalizados. *Revista Subjetividades*, 23(1), e13444. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i1.e13444>.

Endereço para correspondência

Éven Paula Lima da Silva
E-mail: evenpaulaep@gmail.com

Renata Lira dos Santos Aléssio
E-mail: renatalsantos@ufpe.br



Recebido: 24.12.2021

Revisado: 21.08.2022

Aceito: 24.09.2022

Publicado: